



Simpex

Simpósio de Pesquisa e Extensão em Design

O curso de Tipografia e Encadernação no Ifes – O ensino das artes gráficas no Espírito Santo

The course of Typography and Binding in Ifes - The teaching graphic arts in the Espírito Santo

Gustavo Binda Faria, Ufes.

Ms. Letícia Pedruzzi Fonseca, Ufes.

ensino de tipografia; ensino de design; metodologia de ensino

Este artigo apresenta os resultados da investigação feita pelos pesquisadores do Núcleo de Identidade Gráfica Capixaba – Nigráfica - acerca do ensino das artes gráficas no curso de tipografia e encadernação da então Escola Técnica de Vitória. Foca-se a estrutura e metodologia utilizada no ensino das artes gráficas na escola, e sua importância para a formação dos profissionais responsáveis pela construção da identidade gráfica capixaba.

teaching of typography, design education, teaching methodology

This paper presents the results of the studies made by the researchers of the Núcleo de Identidade Gráfica Capixaba (Nigráfica), into the teaching of graphic design elements in the Typography and Binding course of the Escola Técnica de Vitória (Brazil). It focuses on the teaching structure and methodology used in the school and their relevance related to the education of professionals responsible for the construction of a regional (capixaba) graphic identity.

1 Introdução

Em 23 de setembro de 1909, no governo de Nilo Peçanha, foi oficializada a criação da Escola de Aprendizes Artífices do Espírito Santo. Seu propósito era formar profissionais artesãos, voltados para trabalhos manuais, fator de efetiva importância econômica e social. A partir de 1937 a Escola passou a ser denominada Liceu Industrial de Vitória e formando profissionais para produção em série, mas ainda com características artesanais. (SUETH, 2009)

Em 1942, a escola mudou-se para o novo endereço sendo renomeada como Escola Técnica de Vitória. Nesse ano com a reorganização do ensino industrial, nos moldes modernos e compatíveis com os anseios de progresso e comprometimento no desenvolvimento da indústria e efetivado pela Lei Orgânica do Ensino Industrial, foram criados diversos novos cursos na escola. Entre eles está o curso de Tipografia e Encadernação, o primeiro nessa modalidade de ensino no Estado (ESCOLA TÉCNICA DE VITÓRIA, 1948)

De acordo com a autora Rita Couto, para se contar a história do ensino do design deve-se recorrer a todos os documentos existentes, entrevistas com fontes primárias, além da busca de outras fontes, enfatizando os projetos educacionais, as estruturas curriculares e os seus argumentos pedagógicos .

O jornal *E.T.V.*, que é fruto das oficinas do curso de Tipografia e Encadernação, foi publicado no período de 1943 a 1962, sendo denominado a partir de 1961 *O Eteviriano*. Era uma ampla expressão da capacidade dos alunos, pois todo o material publicado, desde as matérias até a impressão, era feito pelos próprios alunos do curso sob a orientação de seus professores, e por isso foi uma rica fonte para análise do desenvolvimento dos alunos do curso (SUETH, 2009).

Nos anos de 1940, algumas mulheres começaram a freqüentar a escola, mas foram consideradas inaptas para os trabalhos de oficina, o que as levou a desaparecer da Instituição, somente reaparecendo na década de 1970. Além disso, do ponto de vista político, o Espírito Santo atravessou momentos muito difíceis entre 1942 e 1965. Os anos do final do Estado Novo coincidiram também com os da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e tudo quanto daí decorreu. Muitos capixabas foram convocados para lutar na Itália. Portanto, Vitória viveu, nessa ocasião, um verdadeiro clima de guerra, que se refletiu também no dia a dia da Escola Técnica (SUETH, 2009).

2 Curso de Tipografia e Encadernação

O curso de Tipografia e Encadernação da então Escola Técnica de Vitória tinha caráter extremamente prático e profissionalizante para o mercado, a exemplo dos demais cursos ministrados na época. Os alunos ingressavam na modalidade Curso Industrial Básico e, no primeiro ano, faziam rodízio nas várias oficinas disponíveis na escola para escolher sua especialidade. Os cursos eram Mecânica, Marcenaria, Tipografia e Encadernação, Serralheria, Artes do Couro e Alfaiataria (SUETH, 2009).



Figura 1: Oficina do curso de Tipografia e Encadernação, no ano de 1959 (Arquivo Ifes).

Os alunos, que ingressavam no curso com idades a partir de 11 anos, freqüentavam as aulas em período integral. Apesar de se tratar de um curso prático, existiam também as matérias teóricas, tratadas como disciplinas de “tecnologia”. Os alunos passavam por processo de ensino contínuo de avaliação de matéria teórica e posteriormente existia a prática. Nesse processo todo mês faziam uma prova de tecnologia e uma prática (PASOLINI, 2010).

Havia duas categorias distintas cursadas pelos alunos: cultura geral e cultura técnica. Cultura geral, abrangia as matérias básicas, como português, matemática e ciências. Já a cultura técnica, se dividia em duas partes. A primeira delas, e principal, era o aprendizado nas oficinas, onde o aluno passava boa parte do tempo. Mas também havia um acompanhamento teórico na disciplina de tecnologia (WOTKOSKY, 2010).

Rita Couto afirma essa postura prática nas oficinas, desde os primórdios do ensino do design, sendo essa herança inclusive advinda do modelo da Bauhaus.

O início do aprendizado do design no Brasil certamente ocorreu como qualquer outra atividade prática, ou seja, por meio de processos de adestramento, observação e participação em tarefas concretas, como nos tempos das manufaturas e oficinas de artes e ofícios, dirigidas por um mestre,

assistido por oficiais e aprendizes. Assim foi nos primórdios da Bauhaus, dividida em ateliês comandados por mestres e artistas de renome, e assim continua a ocorrer no aprendizado continuado e informal em indústrias, escritórios e outros locais onde designers desenvolvem suas atividades profissionais (COUTO, 2008).

O curso Industrial Básico tinha duração de quatro anos, e cada ano o aluno praticava em uma das oficinas específicas do curso escolhido, sendo a primeira a tipografia (manual), pois era a básica. Depois passava para encadernação, impressão, e por último na composição mecânica. Para formar o profissional mais especializado e capacitado, o aluno cumpria os dois últimos anos do curso na área em que se destacasse (WOTKOSKY, 2010).



Figura 2: Oficina de Composição Manual, o primeiro estágio de aprendizagem prática dos alunos (Arquivo Ifes).

A oficina de tipografia da escola, além de produzir todos os impressos da escola (provas, jornais, apostilas) aceitava encomendas externas, habitualmente de livros, revistas e jornaizinhos. E quando a escola recebia pedido para imprimir algum material gráfico, a experiência já servia de aprendizado para os alunos. Segundo relato do professor de composição mecânica do curso, Loadir Pasolini:

Os alunos faziam e erravam bastante, por isso a gente já dizia para o autor do livro que não podia ter pressa, a gente não podia nem dar uma data para a entrega do livro. E então depois de todo diagramado, era impresso e ia para encadernar. A encadernação tinha o seu sistema – faziam-se os caderninhos e costuravam tudo manualmente (PASOLINI, 2010).

A partir das encomendas externas recebidas pela gráfica, com o dinheiro proveniente dos trabalhos realizados, uma parte era utilizada para pagar os custos operacionais da impressão da gráfica da escola, outra parte ia para a escola e uma terceira parte era repassada aos próprios alunos que trabalhavam na produção desses materiais (PASOLINI, 2010). E por isso, os quatro anos em que o aluno passava estudando, e trabalhando, contavam como tempo de serviço que no futuro contaria para o tempo de aposentadoria do profissional (WOTKOSKY, 2010).

Havia uma política, por parte da escola, de incentivo para os alunos desenvolverem seus talentos para o desenho. Na década de 1940, por exemplo, a escola formou Haroldo Boechat, talentoso pintor que se tornou caricaturista e autor de ilustrações que viriam para as capas da revista *Tico-Tico*, conhecida revista voltada ao público infantil com histórias em quadrinhos, que perdurou de 1905 até os anos 1960 (SUETH, 2009).

A gráfica da escola contava basicamente com 2 linotipos; 1 impressora automática; 1 guilhotina; 1 grampeadeira; algumas caixas de tipos-móveis. A gráfica da escola cumpria a demanda dos impressos da instituição, que chegavam a mais de 1 milhão de cópias por ano.

Havia uma segmentação de tarefas, para agilizar o processo: o linotipista, o ilustrador, o responsável por impressão e o paginador, para comporem as páginas e pelo acabamento. Apesar da clara divisão das tarefas na oficina, todos eram capacitados a executar outras funções caso fosse necessário (GAVA, 2010).

Nos últimos anos do curso, tornou-se mais comum a produção de impressos com mais de uma cor, devido às melhoras na estrutura e o desenvolvimento do apuro técnico, que possibilitava a produção de um trabalho esteticamente mais interessante, assim como melhor impresso (WOTKOSKY, 2010).



Figura 3: Capa em cores da edição número 29, do ano de 1946.

Os clichês, utilizados nos impressos produzidos, eram terceirizados e, além disso, por se tratar de um processo caro, era comum a repetição do mesmo clichê em diferentes impressos. Quem se encarregava da produção desses materiais era uma clicheria que funcionava próxima à escola (GAVA, 2010). Esse processo era terceirizado pois requeria grande investimento em maquinário específico para a confecção de clichês por processo fotográfico, o que estava fora da realidade financeira da escola devido ao seu alto custo (FONSECA, 2008, pag 39). Como a demanda servia apenas para atender as necessidades acadêmicas do jornal, supõe-se que era muito mais vantajoso terceirizar esse tipo de serviço.

Ao final do curso o aluno saia perfeitamente capacitado para exercer qualquer função necessária dentro da indústria gráfica. Na minha época, a década de 1950, muitas indústrias, do Rio de Janeiro e São Paulo, levavam os melhores alunos, recém formados, para trabalharem com eles. (WOTKOSKY, 2010).

A priori, aqueles que ministravam as aulas práticas, haviam aprendido a profissão diretamente com um mestre e posteriormente passaram a lecionar. Não havia de fato uma preocupação com a formação de um professor com embasamento pedagógico (WOTKOSKY, 2010). Especialmente na década de 1950, o ginásio industrial recebeu muitas influências do sistema de ensino norte-americano. Havia um intercâmbio realizado pela Comissão Brasileiro-Americana do Ensino Industrial (CBAI), estabelecida como uma compensação ao Brasil pela participação na Segunda Guerra ao lado dos Estados Unidos. Essa comissão levou para os Estados Unidos os professores Antonio Luis Valiatti e Manuel Virgínio, que lá fizeram cursos relacionados com o ensino industrial, estudando sobretudo, a parte prática-pedagógica da

educação industrial. Desse modo até livros adotados nos Estados Unidos serviram de base para as aulas ministradas na Escola Técnica de Vitória (SUETH, 2009).

Em meados da década de 1960, com o fim do curso de Tipografia e Encadernação, os maquinários utilizados nas aulas práticas do curso na escola, foram em parte doados para outras instituições, e em parte realocados para a gráfica da escola, que passou a atender exclusivamente as demandas internas da escola (WOTKOSKY, 2010).

3 O Jornal *E.T.V.*

O Jornal da ETV produzido pelos alunos do curso, sob a supervisão e acompanhamento de seus professores, mostrava o processo aparentemente amador, que expressava seu caráter experimental e de mecanismo de aprendizagem dos alunos. Na primeira edição do *E.T.V.*, datada de 7 de setembro de 1943, contou com uma tiragem de apenas 300 jornais. Percebe-se que houve, no decorrer do curso uma grande evolução da qualidade gráfica do jornal. Na primeira edição, por exemplo, o jornal não apresentava um número de colunas fixas e nem mesmo possui colunas de mesmo tamanho. Nas diferentes colunas não existia o alinhamento nas linhas de base. É possível visualizar também erros técnicos de impressão, como por exemplo o uso excessivo de pressão na impressora, o que provocava relevos nas páginas. Mas ao se comparar essa primeira edição, aos jornais posteriores, percebe-se a evolução gradativa e melhoria da qualidade gráfica do impresso, o que supõe-se ser não só uma evolução técnica na qualidade dos alunos, mas um crescimento conjunto também dos professores que evoluíram com o curso.



Figura 4: Equipe da redação da jornal *E.T.V.* (Arquivo Ifes).

Na década de 1940 surgiu, por iniciativa da professora Juraci L. Machado, a idéia de fundar uma rádio, a PRG-4, que no início não era propriamente uma rádio, mas uma seção que permanentemente ocupava a última parte do jornal. A “rádio” obtinha lucro com as propagandas escritas que fazia, por meio de versos, como fosse uma rádio propriamente dita (SUETH, 2009).

Na edição número vinte e dois do *E.T.V.* foi publicada uma matéria inteira descrevendo o processo de produção do jornal. Nessa edição é afirmado que muito embora o *E.T.V.* tivesse um corpo fixo de redatores, sempre existiam muitos colaboradores espontâneos e esporádicos. Era feito um rigoroso trabalho de seleção das matérias que iriam compor o jornal. Após definidas e selecionadas as matérias, passava-se ao processo de correção. Os artigos eram depois enviados à Tipografia e iniciava-se a composição na linotipo, pois segundo os próprios alunos “com o componedor, dava muito trabalho”. Uma vez compostos, os artigos iam na forma

de chapa, para a mesa de paginação. O serviço de paginar era feito conforme a natureza do assunto, adicionando-se clichês adequados e significativos aos assuntos. Depois de pronta a página, tirava-se uma prova para a revisão. A etapa seguinte era levar a página para a máquina impressora horizontal ou vertical, e, depois de convenientemente ajustada, era feita a impressão. Impressas e secas, as páginas passavam para a seção de encadernação onde eram arrumadas em ordem numérica (E.T.V., edição 22, ano de 1946).

Na edição de número cinquenta e três, foi publicado um artigo em homenagem a Ottmar Mergenthaler, o inventor da linotipo, em comemoração ao aniversário de sua invenção. Esse artigo, produzido pelos alunos sob a supervisão de seus professores é fruto das aulas de tecnologia e conhecimento teórico aprendido durante o curso, e sua importância na história do jornal é demonstrado pela grande quantidade de páginas destinadas a este artigo nessa edição histórica.



Figura 5: Edição especial do jornal E.T.V.com matéria sobre Ottmar Mergenthaler.

4 Conclusão

O pioneirismo do curso de Tipografia e Encadernação da Escola Técnica de Vitória quebrou o modelo de mestre e aprendiz até então existente nas gráficas capixabas, trazendo o profissional já capacitado para dentro da produção.

Esse curso foi o precursor do ensino institucionalizado das artes gráficas no Espírito Santo, e foi de fundamental importância para o desenvolvimento e crescimento da indústria gráfica, pois já na década de 1940 formava profissionais capacitados para trabalhar nos parques gráficos capixabas, dando origem a trabalhos de alta qualidade técnica e com alta produtividade.

É de fundamental importância a realização de pesquisas de caráter investigativo nos primórdios do ensino das artes gráficas para se remontar a história do ensino de design. É na história que se encontram subsídios para uma reflexão aprofundada sobre a produção dos artefatos, os resultados gráficos e como o aprimoramento dos processos influenciou os dias atuais.

Compreender o funcionamento desse curso de Tipografia e Encadernação torna-se importantíssimo para conhecer a história do desenvolvimento gráfico do Espírito Santo e entender a formação da identidade gráfica capixaba.

Referências

COUTO, Rita Maria de Souza. **Escritos sobre ensino de Design no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2008.

ESCOLA TECNICA DE VITORIA. **Vista geral das instalações da Escola Técnica de Vitória**. Vitória: ETV, 1948.

ESCOLA TECNICA FEDERAL DO ESPIRITO SANTO. **O visgo eteviano**. Vitória: ETFES, 1979.

FONSECA, Letícia P. **A construção visual do *Jornal do Brasil* na primeira metade do século XX**. Dissertação (Mestrado em Arte e Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008

GAVA, Gentil. Entrevista concedida a Daniel Dutra, Danúsia Peixoto, Gustavo Binda e Patrícia Campos. Vitória, 17 dez. 2010.

PASOLINI, Loadir. Entrevista concedida a Daniel Dutra, Danúsia Peixoto e Gustavo Binda. Vitória, 6 nov. 2010.

SUETH, José Candido Rifan [et. al.]. **A trajetória de 100 anos dos eternos titãs: da Escola de Aprendizes artífices ao Instituto Federal**. Vitória: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2009.

WOTKOSKY, Oseas. Entrevista concedida a Daniel Dutra, Danúsia Peixoto, Gustavo Binda e Patrícia Campos. Vitória, 23 dez. 2010.